



Expresso

31 JANEIRO 04

Portugueses inovam diagnóstico do cancro

UM CONSÓRCIO português liderado pelo Taguspark, em parceria com o CERN (o maior laboratório mundial de Física de Partículas, sediado na Suíça), desenvolveu em laboratório uma tecnologia de diagnóstico precoce do cancro da mama que permite detectar tumores com um milímetro de diâmetro. Esta inovação tecnológica, denominada Mamografia PET («Positron Emission Tomography»), representa um significativo passo em frente face aos actuais sistemas de raio X, que apenas localizam tumores com um diâmetro superior a um centímetro. E abre caminho ao aparecimento no mercado, dentro de três anos, de uma nova geração de equipamentos de detecção precoce do cancro, após terem sido ultrapassadas as fases de desenvolvimento de protótipo e certificação pelas autoridades de saúde.

Redução do tempo de diagnóstico

Antes do lançamento comercial, previsto para daqui a três anos, serão realizados testes em algumas centenas de mulheres, para verificar a eficácia da tecnologia PET. «A nossa investigação incidu sobretudo sobre o cancro da mama, por ser uma das maiores causas de mortalidade feminina — uma em cada oito mulheres dos países ocidentais contrai esta doença ao longo da vida —, mas a tecnologia PET poderá ser aplicada no futuro à detecção precoce de tumores noutros órgãos do corpo humano», explica João Varela, investigador do CERN e responsável pelo projecto. Outra vantagem da nova tecnologia de diagnóstico é a rapidez

dos exames, que, segundo este investigador, «vão demorar apenas alguns minutos», quando os actuais sistemas de radiologia demoram pelo menos uma hora a realizar o diagnóstico.

Além do Taguspark e do CERN, participam no projecto o LIP (Laboratório de Instrumentação Física e de Partículas), o Hospital Garcia de Orta e o IBEB (Instituto de Biofísica e Engenharia Biomédica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa), o

IBILI (da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Coimbra), o INESC- Inovação e o INEGI (Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial da Universidade do Porto).

A tecnologia PET existe há vários anos no campo da imagiologia médica. Consiste na injeção de uma substância à base de glucose e positrões que se fixam nos tecidos cancerígenos. Posteriormente, são detectados por um equipamento que produz imagens de fotões. Só que, até agora, esta tecnologia não tinha sido utilizada com sucesso na detecção de tumores de reduzida dimensão.

Protótipo em 2005

Com um valor de 2,3 milhões de euros, financiado em 70% pelo POSI (Programa Operacional para a Sociedade de Informação), através da Agência de Inovação, o projecto prevê o desenvolvimento da tecnologia ao longo de toda a cadeia de valor, desde a investigação até ao produto final. Continua, para já, em aberto decidir se a produção deste equipamento — o protótipo está previsto para 2005 — será feito em Portugal, uma vez que, segundo João Varela, é necessário «conjuguar uma série de tecnologias e competências que actualmente não existem nas empresas portuguesas». Uma hipótese que continua em aberto — e que é a mais desejada pelos parceiros do consórcio — é a criação de uma «start-up» de capitais nacionais especificamente dedicada a tirar partido desta patente industrial «Made in Portugal».

Ao contrário dos sistemas actuais, a tecnologia PET permite detectar tumores com um milímetro de diâmetro

